

14 **b** A Ponte do Brooklyn, ca. 1919–1920

Para Joseph Stella e outros artistas progressistas do começo do século XX, as convenções repetitivas da pintura europeia pareciam incapazes de representar o dinamismo da vida moderna. Imigrante italiano, Stella chegou na cidade de Nova Iorque em uma época de crescimento urbano e de mudanças sociais sem precedentes nos Estados Unidos. Descobriu as novas abordagens da pintura modernista, em uma viagem a Paris, e interessou-se particularmente pelo Futurismo, um movimento italiano que se dizia ser “violentamente revolucionário”, em oposição às tradições que haviam prevalecido na arte desde a Renascença. Ao retornar aos Estados Unidos, ele mesmo convertido ao Futurismo, Stella estava convencido de que somente sua nova visão da realidade poderia captar as complexidades da era da máquina.

Na Ponte do Brooklyn, Stella encontrou um tema que o impressionou, ele disse, “como um templo que contém todos os esforços da nova civilização americana”. *A Ponte do Brooklyn*, sua imagem mais significativa, combinava as duas correntes estéticas de sua época — representação e abstração — para sugerir o significado mais profundo deste ícone da arquitetura moderna. Stella fotografou seus vários componentes — o labirinto de fios e de cabos, os pilares de granito e os arcos góticos, a passarela para pedestres e os túneis do metrô, a emocionante vista dos arranha-céus de Manhattan — como um padrão abstrato de linhas, formas e cores, que evoca a ideia

de uma ponte, ao invés de descrevê-la fielmente. No entanto, como um crítico observou, a interpretação de Stella parecia “mais real, mais verdadeira que uma transcrição literal da ponte poderia ser”. Uma “transcrição literal” teria representado apenas sua aparência, a impressão que ela havia deixado na retina de Stella. Uma interpretação Futurista permitia a consideração de impressões mais subjetivas, as sensações físicas e psicológicas produzidas no artista.

Stella havia se inspirado para pintar a Ponte do Brooklyn pela própria experiência intensa que teve com ela, uma noite, quando estava sozinho no calçadão, ouvindo os barulhos típicos da cidade moderna: “o tumulto subterrâneo dos trens do metrô em movimento perpétuo”, “a voz sulfurosa e aguda dos cabos dos troles”, “os estranhos gemidos de apelo dos barcos rebocadores”. Com suas imponentes linhas diagonais e cores pulsantes, *A Ponte do Brooklyn* é uma tradução visual daquela atonalidade urbana e da sensação de claustrofobia do artista. As tensas linhas dos cabos que unem a complexa composição parecem representar a tensão psicológica dos estados emocionais conflitantes do artista. Stella se sentia aterrorizado, “uma presa indefesa perante a escuridão que o envolvia — esmagado pela impenetrabilidade dos arranha-céus que parecem uma massa preta montanhosa”; ao mesmo tempo, sentia-se elevado espiritualmente, “como se estivesse no limiar de uma nova religião ou na presença de uma nova divindade”. Nesta interpretação Futurista, os arcos pontiagudos da ponte estão abertos para o céu como as ruínas de uma catedral gótica, e as alusões aos vitrais sugerem sua epifania espiritual.

De uma maneira mais sutil, *A Ponte do Brooklyn* nos lembra uma das obras mais conhecidas da cultura do país de Stella: a jornada espiritual do poeta medieval italiano Dante, do inferno ao paraíso, na Divina Comédia. “Para fazer o mistério da minha metálica aparição ainda mais pungente”, Stella explicou, “... eu escavei aqui e ali cavernas como passagens subterrâneas para recantos mais obscuros do inferno”. O arco arredondado de um túnel do metrô, vermelho pelo brilho infernal da luz de um sinal, simboliza o inferno no centro da pintura. Logo acima dele, uma vista reduzida do calçadão onde Stella havia estado faz uma ligação relativamente curta entre os terrores do inferno e o esplendor dos céus. As forças do movimento, nesta pintura, convergem para o alto “em uma afirmação soberba de seus poderes” para atingir um status de divindade. Um terceiro pilar (na realidade, a ponte só tem dois pilares) está no topo da pirâmide, aceso como o letreiro luminoso de um cinema pelos cabos que parecem se precipitar, “os pilares dinâmicos”, como Stella os descrevia, da composição. Para Stella, a Ponte do Brooklyn — com seus ruídos e tremores e terrores e confortos — representava uma passagem espiritual para a redenção, uma maneira visual de mostrar a transcendência em um mundo secular.



14-B Joseph Stella (1877 – 1946), *A Ponte do Brooklyn*, ca. 1919 – 1920. Óleo sobre tela, 213,36 x 193,04 cm (84 x 76 pol.). Galeria de Arte da Universidade de Yale, New Haven, Conn. Doação da Coleção Sociedade Anônima.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

F = FUNDAMENTAL (1º/5º) (6º/8º) | M = MÉDIO

Peça aos alunos para estudarem esta pintura atentamente e veja se reconhecem alguns objetos.

DESCREVA E ANALISE F | M

Peça aos alunos para encontrarem estes objetos.

Os pilares da Ponte do Brooklyn: estão no centro da parte superior do quadro.

As luzes de um sinal de trânsito: estão na parte inferior, no centro.

Cabos da ponte: vão das bordas para o centro da composição. Observe, em particular, as duas partes curvas conectadas ao pilar da ponte.

F | M

Em que fase do dia se passa esta cena?

À noite. O céu está escuro; aparecem sombras profundas e luzes brilhantes.

Tem algum carro sobre a ponte? Talvez. Algumas das luzes parecem faróis.

F | M

Vire a pintura de cabeça para baixo. A imagem parece ser mais densa na parte de cima ou na parte de baixo?

Parece ser mais densa na parte de cima.

Por quê?

As formas são mais largas na parte de cima e mais finas na parte de baixo. As linhas dos cabos também estão direcionadas para a parte inferior central e parecem desaparecer.

Vire a pintura para cima novamente. O que são as formas finas verticais no alto?

São prédios altos: um perfil de uma cidade grande na linha do horizonte.

Alguns objetos parecem estar perto e outros parecem estar longe? Por quê?

Os prédios brancos finos parecem estar mais distantes porque estão situados em uma posição mais alta, na pintura, e são menores que o sinal de trânsito, na parte inferior. Os cabos também ficam menores e vários deles formam ângulos entre si, como se fossem linhas paralelas convergindo à distância.

M

Como Stella sugere a complexidade da era moderna das máquinas? Como ele indicou este movimento dinâmico?

Ele mistura linhas grossas e finas, mostrando partes das formas como se fossem apenas vislumbradas rapidamente; ele mistura as cores e junta linhas curvas e diagonais que sugerem movimento.

Peça aos alunos para identificarem algumas linhas verticais nesta pintura. Como elas afetam a dinâmica da composição? Elas dão um pouco de ordem ao caos.

INTERPRETE F | M

Peça aos alunos para imaginarem o que Stella ouviu enquanto estava na ponte à noite.

A ponte está sobre um rio. Talvez, ele tenha ouvido as buzinas dos barcos rebocadores, sirenes, os trens do metrô e carros e caminhões passando ruidosamente sobre a ponte.

F(6º/8º) | M

O que você acha que Stella achou fascinante sobre a ponte?

Ele estava intrigado por suas grandes proporções, pela complexidade das linhas dos cabos e pelos ângulos vertiginosos. Quando se dirige sobre uma ponte, as coisas parecem ser vistas como fragmentos; os faróis piscam aqui e ali, e ouve-se o barulho do tráfego na água e na ponte. Para Stella, a experiência era urbana, moderna e um pouco assustadora.

RELAÇÕES

Relações históricas: o industrialismo; a ascensão da cidade; a experiência dos imigrantes; Ellis Island

Figuras históricas: John e Washington Roebling

Ciências: engenharia civil

Relações literárias e documentos

importantes: “Crossing Brooklyn Ferry,” Walt Whitman (médio); A Ponte, Hart Crane (fundamental 6º/8º, médio); A Ponte do Brooklyn (Uma Página em Minha Vida), Joseph Stella (médio); *The Breadgivers*, Anzia Yezierska (fundamental 6º/8º); *The Joy Luck Club*, Amy Tan (médio); *Minha Antônia*,

Willa Cather (fundamental 6º/8º, médio); “O Novo Colosso,” Emma Lazarus (médio); *East Goes West*, Younghill Kang (médio)

Artes: Futurismo